

Gramado resiste e premia o melhor do cinema nacional

PÁGINA 3



Orquestra Jovem dos EUA se apresenta no Rio

PÁGINA 5



Almodovar exercita dotes literários em livro de contos

PÁGINA 7



2º CADERNO

Na IN QUIE TUDE de Godard

Jean-Luc Godard e sua câmera nas ruas de Paris nos anos 1960



Reprodução

Plataformas como a MUBI e a FilmIn abrem espaço para clássicos e cults do diretor, enquanto seu filme póstumo busca espaço em circuito

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Dois anos depois de sua morte, por suicídio assistido, o mito da semiologia Jean-Luc Godard (1930-2022) segue no radar do audiovisual. Festivais de narrativa documental do Velho Mundo e as salas de exibição ditas “arthouse” da França hoje se esforçam para encontrar um espaço para o curta “Scénarios”, cujo roteiro foi deixado semifinalizado pelo cineasta, antes de sua partida. Exibido em Cannes, o filme é um tratado sobre a gênese e a decadência da sociedade ocidental, construído a partir de imagens de arquivo, documentos e referências à espiral do DNA.

Enquanto essa pequena, mas poética produção busca espaço em tela, streamings de todo o mundo abrem brecha para sua forma autoralíssima de narrar. Em terras ibéricas, a plataforma FilmIn hoje exhibe “Tudo Vai Bem”, rodado por ele em 1972, e o estonteante

“Carmen de Godard” (Leão de Ouro de Veneza em 1983). No Brasil, essa tarefa de explorar a filmografia de JLG ficou a cargo da MUBI, que acaba de inaugurar em sua grade um menu especial chamado “Para Sempre Godard”.

Essa seleção imperdível do www.mubi.com reúne o período áureo da formação godardiana numa homenagem à Nouvelle Vague, o movimento de renovação audiovisual do qual ele foi um pilar. Estão por lá uma série de clássicos como “Acossado” (1960), “Pierrot Le Fou - O Demônio das Onze Horas” (1965) e “Alphaville” (também de 65, quando ganhou o Urso de Ouro da Berlimale). Neles, Godard capta não apenas o dinamismo de locações ora metropolitanas, ora rurais, como também o espírito vivaz de uma nova geração que, naquele momento desafiaria o status quo na França. Esta coleção celebra o estilo eclético do realizador suíço (embora nascido em Paris), bem como capta a atitude combativa e radical dos anos 1960, que caracterizam seus longos iniciais. **Continua na página seguinte**

CORREIO CULTURAL

Jaqueline Cunha/Divulgação



O mural 'Santíssima Trindade' enfeita Xerém

Santíssima Trindade em mural na terra de Zeca Pagodinho

O Instituto Zeca Pagodinho inaugurou em Xerém os murais "Santíssima Trindade" e "Deixa Vida Me Levar", que fazem parte do projeto "Tons da Baixada: um museu a céu aberto".

Elaborada pelo muralista Cazé, com assistência artística de Cesola Mendes e com pesquisa e produção de Pedro Rajão, a obra "San-

tíssima Trindade" celebra Pinxinguinha, Donga e João da Baiana, cujas influências se estendem também ao choro, maxixes e lundus. Já a arte do muro "Deixa a Vida Me Levar" foi feita por alunos do Instituto, durante as oficinas de grafite conduzidas pelo artista visual Rodrigo CB, pelo grafiteiro Isaac RGT e pela artista e educadora Gabriele Valente.

Regravação

Depois de um certo suspense, Fafá de Belém presenteou os fãs com uma regravação especial da canção "Amores", composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, originalmente lançada em 1987 em seu álbum "Grandes Amores".

Networking

Evento essencial para profissionais e entusiastas da música, o Conecta+ Música & Mercado será realizado de 29 de agosto a 1º de setembro no Transamerica Expo Center em São Paulo. Os participantes poderão conectar-se com profissionais do setor.

Regravação II

O projeto foi idealizado pelo produtor musical e parceiro de longa data, DJ Zé Pedro. Utilizando inteligência artificial, ele isolou a voz original da música e criou um novo arranjo, resultando em uma composição minimalista apenas com voz e piano.

Protagonista

A ex-BBB Jade Picon, que em 2022 estreou como atriz na novela "Travessia" (Globo), agora será protagonista no cinema. Pelas redes sociais, a influenciadora mostrou detalhes da caracterização para o filme "Cinco Júlias", que deverá estrear em breve.



Acompanha o projeto um vídeo de 34 minutos no qual o próprio Godard apela para uma mixagem de arquivos a fim de deixar instruções acerca do modo como "Scénarios" deveria ser terminado e exibido

Filme derradeiro é um tratado filosófico de 18 minutos

Há uma série de livros de ensaio sobre o legado de Jean-Luc Godard saindo em terras parisienses e helvéticas, com foco especial na provocação causada por "Scénarios". Sua narrativa semiótica é a prova de que esse inquieto diretor ambicionava fazer de sua morte um espetáculo – e um ponto continuativo - ao optar por serenar, aos 92 anos. À época em que morreu, ele confessou estar cansado do excesso de informações do mundo, mas o cansaço não impediu que ele deixasse heranças para a cinefilia mundial.

Repleto de ironia em seu script, "Scénarios" é uma experimentação filosófica de 18 minutos, concluída na véspera de ele morrer, há dois anos. Acompanha o projeto um vídeo de 34 minutos no qual o próprio Godard apela para uma mixagem de arquivos a fim de deixar instruções acerca do modo como "Scénarios" deveria ser terminado

e exibido.

"Palavras não são um sinônimo de linguagem, pois linguagem é algo além, é um conjunto de procedimentos de como empregamos signos. O problema é que as pessoas articulam esses signos sem a coragem de fantasiar o que aconteceria se as convenções fossem usadas de outra maneira", disse Godard ao Festival de Cannes de 2018, pouco antes de receber uma Palma de Ouro Honorária por "Imagem e Palavra", seu derradeiro longa.

Herança cultural

Essas palavras ditas por ele à Croisette não se enquadraram num processo convencional de entrevista, ao vivo. Ele falou com Cannes de seu escritório, na Suíça, usando Facetime, num papo em que elogiou a herança cultural de entrevistados da Rússia, de Portugal e do Brasil e lamentou o fato de todos falarem em Inglês. "Quem nasce na Itália é italiano. Quem nasce

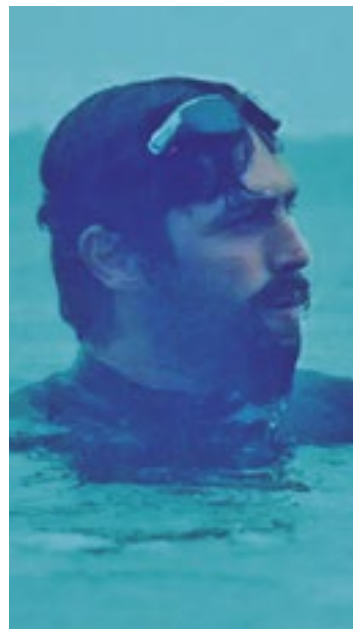
na China é chinês. Quem nasce na França é francês. Mas quem nasce nos Estados Unidos leva o gentílico de americano. A onipotência deles é tanta que eles não levam o nome do país e, sim, do continente", disse o cineasta numa coletiva de imprensa nos anos 1990.

No império do efêmero que o mundo midiático virou sob o garrote das fake news, o cineasta franco-suíço responsável por injetar poesia na semiologia, saiu de cena fazendo de sua partida um espetáculo transgressor, desafiando o Tempo, deixando como legado 118 filmes (entre curtas e longas) e mais 12 produções para a TV (entre séries e especiais). Segundo familiares e amigos próximos, entre eles, a mulher do diretor, a cineasta e produtora suíça Anne-Marie Mieville, sua morte foi uma opção diante do desgaste que sentia. Levando-se em conta que há ainda anotações dele prontinhas para que Anne-Marie e seus parceiros, Aragnó e Battaglia, deem partida a novos filmes. Tudo indica que vem mais coisa de Godard por aí.

Fotos/Divulgação



Estômago 2



Barba Ensopada de Sangue



Cidade; Campo

Gramado, teu nome é resistência



Pasárgada



Oeste Outra Vez



Sem aeroporto de Porto Alegre, equipes buscam soluções para ir ao maior festival do cinema brasileiro, que batalhou para acontecer este ano após tragédia no RS

Por Paula Soprana (Folhapress)

O Festival de Cinema de Gramado teve início na última sexta-feira (9) marcado pelo desafio logístico de oferecer um evento de abrangência nacional no Rio Grande do Sul após as enchentes de maio, que impuseram o fechamento do Salgado Filho. O principal aeroporto do estado permanece fechado. Mesmo sob incertezas de todo tipo, Gramado manteve o festival na data em que estava programado.

A grade sofreu poucas alte-

rações e o evento tem produções nacionais de peso na disputa, além da exibição de “Motel Destino”, de Karim Aïnouz, que concorreu à Palma de Ouro em Cannes, e da série “Cidade de Deus: A Luta Não Para”, de Aly Muritiba, diretor de “Cangaço Novo”.

“Em nenhum momento pensamos em adiar ou cancelar o festival. Por pior que seja o desafio, é a maneira de dizer que continuamos, é nossa obrigação com produtores e diretores que o prestigiam há 51 anos”, diz Tatiana Ferreira da Silva, diretora de eventos da Gramadotur, autarquia municipal que cuida dos

eventos da cidade da Serra Gaúcha.

Para suprir a ausência do aeroporto de Porto Alegre, o transporte de atores, convidados e equipes é pulverizado em quatro aeroportos. Depois, as viagens de carro a Gramado vão de cerca de duas a seis horas, se a origem for Santa Catarina. Em alguns casos, voos são remarcados, pois terminais da serra costumam ter condições impróprias.

Além de Canoas, que substitui o aeroporto de Porto Alegre, com capacidade muito inferior, passageiros de outros estados podem descer em Caxias do Sul, Jaguaruna, em Santa Catarina, ou Florianópolis.

Mais de 1.100 filmes foram inscritos, entre curtas nacionais e gaúchos, documentários e longas. Sete obras disputam o Kikito. Para os curadores, o ator Caio Blat e o crítico Marcos Santuário, a marca da edição é a diversidade temática — do feminismo ao faroeste — e a presença feminina. Dos sete longas, quatro são dirigidos por mulheres.

“Pasárgada” é a estreia de Dira Paes na direção, com Humberto Carrão e Cássia Kis no elenco, numa trama sobre o tráfico de animais exóticos na Amazônia. “Cidade; Campo”, de Juliana Rojas, aborda a difícil relação entre esses dois polos; “Filhos do Manguê”, de Eliane Caffé, trata de violência doméstica; e “O Clube das Mulheres de Negócio”, de Anna Muylaert, inverte os gêneros de homens e mulheres. Disputam ainda o faroeste “Oeste Outra Vez”, de Erico Rassi, “Estômago 2: O Poderoso Chef”, de Marcos Jorge, 15 anos após o primeiro filme, e “Barba Ensopada de Sangue” de Aly Muritiba, que adapta livro de Daniel Galera.

“Há um simbolismo forte de resiliência e superação diante de tudo que aconteceu com o Rio Grande do Sul. E o setor cultural está num momento de retomada, a gente teve um governo que tentou acabar com o audiovisual e agora temos números expressivos de retorno”, diz Blat.

Andanças atrás de 'Bonga'

Filme mais chapliniano de Renato Aragão ganha status de cult, trazendo o trapalhão num personagem diferente do eterno Didi

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com o sucesso da recente passagem de Renato Aragão pelo "Domingão do Huck", da Globo, os filmes que fizeram dele o maior campeão de bilheteria do cinema nacional voltam a despertar o interesse das redes sociais. Um desses longas hoje ganha status de cult: "Bonga, o Vagabundo". Xodó de Antônio Renato Aragão, o filme de teor mais chapliniano do trapalhão, já cinquentenário, retornou aos holofotes por conta da presença do dublador Orlando Drummond (1919-1921) em seu elenco. O eterno Seu Peru, consagrado com a voz de Popeye, Alf e Scooby

Doo, é endeusado por seu legado de voz, o que gerou uma corrida de seus fãs à internet e a videotecas à caça de registros de seu talento. Eis que o longa mais exótico da obra cinematográfica de Aragão despontou no horizonte, em registros esparsos do YouTube.

Sua rodagem é atribuída a 1969, mas a data oficial, registrada na Cinemateca Brasileira é 1971. O abililado personagem Didi, pelo qual Aragão é famoso, veio antes dele, na passagem de seu intérprete pela TV Ceará, nos anos 1960. Mas ele ainda criou (e se encantou por) Bonga. Signo de lumpesinato, Bonga é uma brincadeira à la Chaplin, tendo como seu diretor Victor José Lima (1922-1980), ex-crítico da "Cena Muda", responsável pela direção de fitas imprescindíveis



Arquivo Nacional/Fundo Correio da Manhã

Renato Aragão usa elementos chaplinianos para compor Bonga, um vagabundo que ajudaria a moldar a figura de Didi nos longas da franquia dos Trapalhões

do cinema popular nacional como "Chico Fumaça" (1956) e "É de Chuá!" (1957).

Distribuído à sua época pela companhia Produções Cinematográficas Herbert Richers S.A.,

o longa mostra Bonga como um Pedro Malasartes maltrapilho, cuja esperteza para dar golpes é equivalente a seu carinho para dar afagos aos desvalidos. Ali estão elementos que influenciariam – nos anos se-

guintes – na depuração da figura de Didi Mocó no cinema. Na trama, Bonga tenta ajudar um amigo a encontrar uma noiva e satisfazer os desejos do pai do jovem, que quer ver seu filho casado. Mas, o golpe armado por Bonga vai envolver sua grande paixão, complicando os planos afetivos deste nosso Carlitos. No elenco estão Maria Cláudia, Neila Tavares, Jorge Dória, Ronaldo Canto e Melo e o já citado Drummond, um dos maiores dubladores do Brasil. A fotografia é de Antônio Gonçalves e a música traz composições de Sérgio Dizner. Sua bilheteria foi de 939.790 ingressos vendidos.

Seu lançamento se dá em uma época de ressaca cultural para o país, pois, três anos antes o AI-5 chegou havia sido instaurado, batendo na porta da liberdade de expressão para desabrigá-la, ferindo nossa democracia, em prol dos interesses da ditadura militar.

Num cenário desses, o lúdico "Bonga, o Vagabundo" surge como uma espécie de caminho do meio, abrindo uma rota lírica, na qual o riso podia vir dissociado das mazelas políticas e das incontínuas hormonais comportamentais. Era um riso mais doce, sem "carregos", que ajudou a pavimentar a estrada na qual, nas duas décadas a seguir, Aragão reinaria soberano com seus Trapalhões na venda de ingressos. É, portanto, uma joia do riso, cujo valor merece ser reavaliado, com justiça. Com graça.

Florianópolis anuncia seleção

Festival catarinense exibirá entre 5 e 11 de setembro 52 produções audiovisuais de 15 países e 13 de estados brasileiros

A Associação Cultural Panvision divulgou os filmes selecionados para o 28º Festival Internacional de Cinema Florianópolis Audiovisual Mercosul - FAM 2024, que será realizado de 5 a 11 de setembro, na capital

catarinense. O evento reunirá 52 produções de 15 países: Argentina, Alemanha, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, EUA, França, Inglaterra, Israel, Itália, Paraguai, Peru, Portugal e Venezuela, sendo que alguns participam em



Divulgação

Black Rio! Black Power!

coproduções. Do Brasil, estão representados 13 estados (Amapá, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Goiás, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo), e também o Distrito Federal.

Entre obras de animação, ficção, documentários, videoclipes, curtas e longa-metragens, a listagem apresenta 47 filmes que serão exibidos em sete das oito Mostras Competitivas deste ano, além dos cinco filmes da Mostra Projeto Rally Panvision, que serão produzidos em tempo real durante a semana do festival, totalizando 52 filmes.

A mostra com maior participação internacional é a Mostra Curtas, que concentra 10 produções. Para as Mostras de Longas foram selecionados 6 filmes, sendo 4 ficções e 2 documentários; na Mostra Curtas Catarinenses são 6 filmes, vindos de Itapema/Porto Belo, Timbó, Florianópolis, Chapecó/Cunha Porã, Garopaba e Palhoça; na Mostra Infantojuvenil 9; na Mostra Videoclipes 5; na Mostra on-line, novidade este ano, 6, e na Mostra Work in Progress, composta pelos filmes em pós-produção, 5 obras. Veja a relação completa em <https://encr.pw/ohJqu>

Jovens talentos dos EUA no Municipal

Em turnê mundial, National Youth Orchestra se apresenta nesta segunda no Rio

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã



Divulgação

A National Youth Orchestra, aclamado conjunto juvenil do Carnegie Hall, se apresenta nesta segunda-feira (12), no Theatro Municipal, com regência de Marin Alsop e tendo o pianista Jean-Yves Thibaudet como solista. Todo ano o Weill Music Institute (WMI) do Carnegie Hall reúne os músicos jovens mais brilhantes

do país para formar a orquestra.

Após um processo de audição abrangente e uma residência de treinamento de várias semanas, a NYO se apresenta no Carnegie Hall e embarca em turnê para as grandes capitais musicais do mundo. Nos mais de dez anos desde sua criação, a NYO-USA trabalhou com maestros extraor-

A National Youth Orchestra percorre anualmente as principais capitais musicais

dinários e artistas convidados, incluindo Marin Alsop, Emanuel Axe, Joshua Bell, Sir Andrew Davis, Joyce DiDonato, Daniel Harding, Sir Antonio Pappano, Carlos Miguel Prieto, David Robertson, Gil

Shaham, Michael Tilson Thomas e Alisa Weilerstein.

Uma das principais maestrinas do nosso tempo, Marin Alsop foi a primeira mulher a dirigir uma grande orquestra nos Estados Unidos, na América do Sul, na Áustria e na Grã-Bretanha. Atua ainda como regente principal da Orquestra Sinfônica da Rádio ORF de Viena e do Ravinia Festival de Chicago, onde é curadora e rege as residências de verão da Orquestra Sinfônica de Chicago.

Jean-Yves Thibaudet ganhou a reputação de ser um dos melhores pianistas do mundo. Ele também é conhecido por seus diversos interesses além do mundo clássico, incluindo inúmeras colaborações em cinema, moda e artes visuais. Thibaudet tem mais de 70 álbuns e seis trilhas sonoras de filmes.

SERVIÇO

NATIONAL YOUTH ORCHESTRA (EUA)
Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº)
12/8, às 20h

Ingressos: R\$ 3 mil (frisas e camarotes), R\$ 500 (plateia e balcão nobre), R\$ 200 (balcão superior), R\$ 100 (galeria) e R\$ 39,60 (promocional limitado a 20% de ocupação)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Parceria celebrada

Chega às plataformas digitais no fim do mês o single “Subterrâneo”, de Fausto Prado e Caetano Silveira, parceiros no projeto Cidade Baixa (desde 2003). A faixa é uma das canções que integram o álbum “Tantos e Diversos”. O novo trabalho traz dez canções com a sensibilidade dos premiados compositores gaúchos diante da realidade dos tempos pós-tragédias, exaltando o amor, a liberdade criativa e a diversidade dentro da cultura musical brasileira. O registro foi gravado no Estúdio Transcendental em Porto Alegre.

Divulgação



Divulgação

Antes do mergulho

Após refletir a nostalgia sensorial no single “Sabor Fantasma” e mergulhar no caos em “Casa em Chamas”, a Bratislava, banda que une rock, pop e música brasileira, faz um respiro antes do mergulho. Último lançamento antes do álbum homônimo da banda, quinto da carreira, que será lançado ainda em agosto, “Valeu” é uma canção leve sobre aceitar o fim das jornadas com leveza. A faixa é uma parceria com a banda Fraterna Trip. Fundada há quase 15 anos pelos irmãos baianos Victor Meira e Alexandre Meira, a banda lançou quatro álbuns, fez turnês e tocou em grandes festivais.



Divulgação

No clima pré-álbum

Prestes a se lançar novo álbum, a banda irlandesa The Script lança o apaixonado single “At Your Feet”, que se une à enérgica “Both Ways” para apresentar o novo álbum Satellites, que será lançado nesta sexta-feira (16). “At Your Feet”, cuja inspiração veio ao vocalista Danny O’Donoghue enquanto assistia a um jogo de futebol, marca um retorno à sonoridade clássica do The Script, com refrões eloquentes e uma sonoridade ora calma ora animada. A banda receberá em breve o Brit Billion, prêmio concedido a artistas que superaram o marco de um bilhão de streams no Reino Unido.

Junior Mandriola/Divulgação



Valéria Barcellos (esq), Sara Chaves (centro) e Hiane estão no elenco de 'A Cena (Não) Muda'

Em 1974, Maria Bethânia fez um show antológico chamado "A Cena Muda". Este espetáculo trazia na superfície temas sobre ser artista, mas implicitamente tratava de temas que rondavam o Brasil nos anos 1970, como a falta de liberdade de expressão, o vazio humano, a censura, a desvalorização da mulher, os exageros nos interrogatórios e prisões, e sobre estarmos mudos. Com músicas de Chico Buarque, Paulinho da Viola, Gonzaguinha, o show foi um marco na história da música e do teatro brasileiro. Inspirado por essa inquietude, o show teatral documental "A Cena (Não) Muda", que estreia nesta quarta-feira (14) no Teatro Dulcina, traça um paralelo entre aquele período opressivo e o que não mudou em 50 anos de Brasil.

Fatos históricos, as truculências e as violências em geral praticadas contra a população, desaparecimentos e outros crimes que se perpetuaram através do tempo são confrontados no palco através de narrativas reais e

Um manifesto revisitado

Show teatral documental traça um paralelo entre o Brasil opressivo dos anos 1970 e a atualidade, mostrando o que não mudou nos últimos 50 anos

documentadas pela história. Se, em 1974, a artista no palco não podia falar e cantava a sua dor, hoje cantaremos e falaremos em cena as marcas do que ficou. Afinal, os crimes impunes do período militar inspiram e alimentam os que hoje são cometidos.

"Através do espetáculo, é possível ver que a impunidade dos crimes cometidos nos anos 1960/1970 normaliza e nutre a certeza da impunidade para certas parcelas do governo. Se não foram punidos antes, por que

serão punidos agora? O espetáculo faz pensar sobre de onde viemos, onde estamos e para onde estamos caminhando", descreve o autor Pedro Henrique Lopes. "Num cenário de extrema rispidez e intolerância, onde os extremos estão cada vez mais polarizados, a gente expõe em cena situações do ontem e de hoje que mostram a urgência de pararmos com o extermínio da população pobre e mudarmos as políticas públicas e de segurança que normalizam um corpo pe-

riférico caído no chão. Isso não pode ser normal!", acrescenta o diretor Diego Morais.

Em cena, as atrizes Valéria Barcellos, Sara Chaves e Hiane dão voz a histórias de 1974 como a de Ieda Santos Delgado, uma das únicas mulheres negras desaparecidas durante a ditadura militar, e a busca de Eunice, sua mãe, tentando incessantemente encontrar sua filha. Além de acontecimentos recentes, como as vidas de Luana Barbosa dos Reis Santos, Cláudia Silva Fer-

reira, Ágatha Félix e Kathlen Romeu, mostrando o que não mudou de ontem para hoje.

"Apesar de inserido num contexto de questionamento das heranças e de status político-sociais, o espetáculo é uma abordagem humana sobre os sentimentos de personagens que viveram ou vivem os impactos dessas escolhas, fatalidades ou coincidências do sistema. É um olhar sensível a mulheres, e sobretudo mães, que seguem firmes na busca por respostas, que são fortemente afetadas pelos fatos, mas não sucumbem. Nossas personagens são mulheres que se impõem como fortalezas quando expostas ao que é dolorido e cruel", explica o diretor Diego Morais.

"A Cena (Não) Muda" revisita as músicas e os temas do show de Bethânia e a história de tantas mães que buscam por seus filhos e filhas, num emocionante retrato de gritos mudos, de silêncios estridentes e de cenas que se repetem e não mudam até os dias de hoje. Com o direito conquistado de falar, de questionar e de pensar, o elenco se desdobra para remontar e cantar essas dores e os temas que, em 50 anos, ainda se repetem. O repertório inspirado no show de 74, somado a músicas de artistas atuais, reportagens, documentos e textos trazidos ao palco, denuncia os reflexos dessa herança social.

"O espetáculo propõe pensarmos junto com cada espectador os caminhos que a nossa sociedade tem tomado em aspectos sociais, de cidadania, de direitos humanos, de forma de pensar, de minorias, de maiorias, de violência, de desigualdades e, sobretudo, de respeito ao próximo", convida Pedro Henrique Lopes. "Se há 50 anos atrás a cena era muda, em 2024 nós iremos falar", avisa.

SERVIÇO

A CENA (NÃO) MUDA
Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17 - Centro)
De 14 a 29/8, quartas e quintas (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CRÍTICA / LIVRO / O ÚLTIMO SONHO

Por Bruno Ghetti (Folhapress)

Pedro Almodóvar nunca foi um cineasta discreto ou reservado diante de sua obra no cinema. Em sua produção escrita, no entanto, parece não apenas tímido perante o que ele mesmo já produziu como um bocado rígido com sua própria capacidade de escritor. “O Último Sonho”, coleção de contos feitos pelo diretor e escritor espanhol ao longo de seis décadas, mas por pudor ainda mantidos inéditos, traz uma introdução escrita por ele mesmo em que explana melhor do que ninguém o que virá a seguir no livro.

O livro começa pelo que talvez seja o pior conto. “A Visita” é a história de uma mulher extravagante, que procura um padre para lhe falar sobre seu irmão falecido. E o leitor percebe que foi dali que Almodóvar tirou a ideia para “A Má Educação”, de 2004, em que Gael García Bernal protagoniza cena semelhante. Não redundo em grande coisa para além do que já esperávamos. O segundo, “Mudanças de Gênero em Demasia”, já é um bocado superior. E, mais uma vez, notamos que acabou inspirando um filme — “Tudo Sobre Minha Mãe”, de 1999. As obsessões almodovarianas de praxe estão lá — Blanche Dubois, Gena Rowlands, o monólogo “A Voz Humana”, de Jean Cocteau. É um texto inclusive mais fluido, saboroso.

Em seguida, o autor retorna à sua verve anticlerical em um conto mediano sobre vampirismo, “A Cerimônia do Espelho”, mas o subtexto religioso retorna mais forte em um dos últimos textos do livro, “A Redenção”. Ali, fala sobre um Jesus que desce à Terra e se torna cada vez menos divino, enquanto o bandido Barrabás santifica-se exponencialmente. Há um subtexto impreciso e até homoerótico nessa troca entre duas criaturas tão diversas, resultando em um conto blasfemo, mas sobretudo impactante.

O escritor mostra sua versatilidade estilística em “Joana, a Bela Demente”, conto que poderia fazer parte de “As Mil e Uma Noites”,



Fotos Divulgação

Chega ao Brasil uma compilação que reúne dois livros escritos pelo cineasta Pedro Almodóvar nos anos 1980 e 1990

Escrita sustentada em imagens

não fosse pela especificidade tão espanhola do caso relatado. Tal como uma Sherazade cuja missão é hipnotizar o leitor, Almodóvar recorre a uma história tão repleta de novidades e reviravoltas que fascinam quem o lê do início ao fim. E sem necessidade alguma de complemento visual.

O que é uma surpresa, já que Almodóvar sempre foi um cineasta da matéria, muito mais do que da abstração; seus filmes só fazem sentido pela carnalidade, pelo aspecto palpável que suas ideias possuem quando levadas para a tela com o arremate audiovisual do mestre que ele é. As intenções mais filosóficas do cineasta sempre deram a impressão de que não teriam grande fôlego ou ressonância se permanecessem apenas em forma escrita.

Mas o livro traz contos que



Divulgação

contrariam essa noção, e “A Vida e Morte de Miguel” é o melhor exemplo. É uma incursão na literatura fantástica escrita nos anos 1960, com parentesco temático com “O Curioso Caso de Benjamin Button”, o filme de David Fincher, de 2008. Acompanhamos de trás para

frente a história de um rapaz morto aos 25 anos.

Quanto mais o protagonista envelhece — ou melhor, rejuvenesce —, mais aflito fica com o aumento da própria limitação intelectual e da dependência dos outros. Em sua metáfora às avessas sobre o quanto a vida nos escapa ao controle com o passar dos anos, melancolicamente Almodóvar nos mostra, ali, o quanto a decrepitude se assemelha à infância.

Mas é outro o candidato a ganhar a preferência dos leitores — “Confissões de uma Sex Symbol”. Trata-se de um conto com a personagem já apresentada ao público brasileiro, nas crônicas de “Patty Diphusa e Fogo nas Entradas”, lançado pela editora Tusquets.

Patty foi criada na década de 1980, em plena loucura da Movida

madrilenha, com histórias publicadas em forma de crônicas. Suas narrativas desbocadas, hilarantemente absurdas e politicamente incorretas têm uma legião de fãs quase tão grande quanto a dos cinéfilos que idolatram a primeira fase do cineasta.

Aqui, Patty, atriz de fotonovelas pornográficas cuja autoconfiança é tão infalível quando sua capacidade de fazer o leitor gargalhar, se mete em uma aventura de contornos internacionais, em que consome fartas doses de heroína, é perseguida por sicários italianos e se vê em confronto físico com uma pantera. Mas o ápice da maluquice está em outro trecho. Quando seu amante pede a ela —justo ela— que dê aulas particulares de geografia a seus filhos, Patty diz que não tem conhecimento suficiente sobre o tema e pede que ele lhe pague uma viagem pelo mundo para ganhar mais embaçamento. E não é que ela consegue?

Mas esse texto delirante é um contraponto a outros em que Almodóvar se mostra com um temperamento mais parecido com o de seus filmes mais recentes, sobretudo “Dor e Glória”, de 2019, em que apresenta uma percepção sobre o mundo mais soturna. Em “Memórias de um Dia Vazio”, o escritor mesmo explica. “Se eu tinha certeza de algo quando era jovem era de que jamais ficaria entediado. Agora fico. E isso é uma espécie de derrota.” “Natal Amargo” e “Um Romance Ruim” são povoados por um espírito de tristeza semelhante, assim como “Adeus, Vulcão”, uma sentida homenagem à cantora Chavela Vargas, uma de suas grandes divas.

Mas é a outra mulher que Almodóvar reserva o ponto alto do livro. O conto que batiza a obra ele escreveu pouco após a morte de Francisca, sua mãe. Que foi a grande homenageada em toda a sua obra.

Na introdução do livro, Almodóvar diz que são as melhores cinco páginas que ele já escreveu — e ele tem completa razão. E se ele acha que sua magnífica obra no cinema não foi o suficiente para homenagear sua mãe, no conto o faz de maneira comovente e inquestionável.

Clássicos para se voltar

Por **Cláudia Chaves** | Especial para o Correio da Manhã

Existem pratos que são únicos, além daqueles das mães, avós e assemelhados. Mas existem outros que são de um determinado local. A pizza napolitana, o cachorro quente de rua, o acarajé no Rio Vermelho, o crepe francês, a salada de batata alemã. Praticamente nostálgicas, fomos eu e Aline, apaixonada como eu pelos embutidos, defumados e chope preto, provar o menu comemorativo dos 111 anos da Casa Urich.

Fomos recebidos por Marisa Oreiro, sócia do restaurante, ao lado do irmão Orlando. Muitas lembranças dela e nossas sobre a força dos restaurantes tradicionais do Centro (coisa de gente antiga, mas fazer o quê). Marisa nos contou da história de sua família com a casa e como construíram esse cardápio.

CRÍTICA / RESTAURANTE / CASA URICH

Tomas Rangel/Divulgação



Cozido alemão (eisbein cozido, salsichão vermelho e branco, feijão branco, repolho, cenouras e batatas cozidas)

Estavam lá os clássicos língua à moda da casa (língua ao molho madeira, com purê de batata e dois ovos fritos), o filet mignon à Munich (recheado de queijo gorgon-

zola, acompanha talharim na manteiga de ervas finas) e do cozido alemão (eisbein cozido, salsichão vermelho e branco, feijão branco, repolho, cenouras e batatas cozidas, R\$ 170, até 3 pessoas). Entram no cardápio o risoto de eisbein (joelho de porco) e o croquete de schnitzel, a versão alemã da milanesa. Feito com lombo de porco moído e empanado é, simplesmente, o melhor dos dois mundos. Mas é sucesso absoluto há mais de 10 anos.

O risoto de eisbein (joelho de porco) é perfeito. A iguaria, pois eisbein é dos melhores pratos, desfiada, com petit-pois, temperos é para se ir comendo devagar, saboreando e sem ter aquele osso no prato. E pedimos a salada de batata com a maionese saborosa consistente, ainda com micro pedaços de aipo que dá uma crocância perfeita. Essa salada da batata é a melhor do Rio e acompanha bem todos os pratos.

Tudo regado a chope preto, gelado, na pressão, a língua macia, temperada, desfiando, com o molho se misturando nas gemas e na base do purê de batata. Na tradição que queríamos manter, pedimos o apfelstrudel, sobremesa de maçã com creme chantilly caseiro. Saímos nos lembrando de nossos carnavais, porque como a Casa Urich é a tradição pura do Centro.

SERVIÇO

CASA URICH

Rua São José, 50 – Centro | Segunda a sexta (12h às 21h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

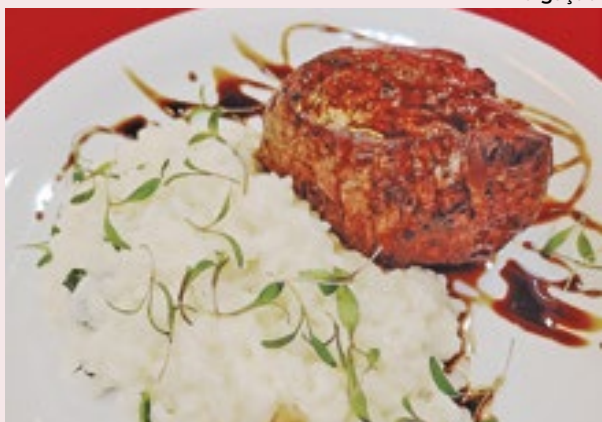
Faça pão sem glúten

Os adeptos da alimentação saudável querem fazer suas próprias refeições e o chef Marcelo Horta lança o evento online e gratuito Desafio Pão Perfeito sem Glúten. O guia prático ensina a fazer pães sem glúten e sem leite, utilizando equipamentos que todos têm em casa. Além de fazer pães que vão trazer mais saúde para a família, é uma oportunidade de empreender, pois Chef Marcelo dá dicas sobre valores e custos. O evento acontece ao vivo, nos dias 13, 14, 15 e 18 de agosto, às 18h55, no www.youtube.com/@chef.marcelohorta.

Divulgação



Divulgação



L'ulivo na Cidade Nova

Localizado em Copacabana, o restaurante, reconhecido por pratos de altíssima qualidade e atendimento de primeira, o L'ulivo Cucina e Vini acaba de inaugurar uma segunda casa, desta vez no Centro do Rio. O L'ulivo Trattoria abriu as portas em 1º de agosto, na Rua Correia Vasques, na Cidade Nova, próximo ao metrô da Praça XI. A novidade funciona de um casarão de 1910, tombado pelo Patrimônio Histórico, de segunda a sexta, de 11h às 15h30. O menu italiano de entradas, pratos e sobremesas tem refeições a partir de R\$ 25,90. Informações (21) 3734-3087.

Raphael Phillips/Divulgação



Carta de cachaças

Com três anos no endereço mais hipado e boêmio de Botafogo, o Bar Kalango, da renomada chef Kátia Barbosa, lança uma carta de cachaças brasileiras em parceria com jornalista Juarez Becoza, especialista em botequim e membro da Academia Brasileira da Cachaça. "O Kalango é culinária do Nordeste com a personalidade e o aconchego do Rio. E onde tem uma união assim tão forte de gentes, geografias e culturas tão únicas tem que ter cachaça. Por isso, preparamos uma com o que há de melhor dos alambiques Nordestinos e do Estado do Rio", conta Juarez.